



A TEMPORALIDADE NA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PARA ERNST CASSIRER

Wagner de Moraes Pinheiro¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a temporalidade na filosofia da cultura de Cassirer, com a finalidade de expor a relevância da história como forma simbólica em sua relação com o todo da cultura. O artigo pretende discernir a temporalidade mítica com a temporalidade histórica, que parte do que o filósofo chama de consciência histórica. A divisão entre o tempo mítico apresenta-se a divisão fundamental e a temporalidade como um aspecto de unidade da consciência, que surge da proposição emocional e subjetividade. Na temporalidade histórica, em contrapartida, a objetividade torna-se um elemento determinante para o tempo, permitindo ao homem olhar para o mundo da cultura em unidade orgânica e continuidade causal. Possibilitada pela consciência histórica, o conhecimento de si do homem propicia a gradual libertação, através dos símbolos e a história, conclui-se, possui um papel central nessa liberdade, por manter a unidade e expansão da consciência da cultura.

Palavras-chave: Ernst Cassirer; Filosofia da Cultura; História.

INTRODUÇÃO

O trabalho terá a filosofia da cultura de Ernst Cassirer, a partir de sua proposta de consciência histórica, como uma apresentação breve para a ideia de temporalidade para o conhecimento de si do homem. O objetivo do trabalho será argumentar sobre a ideia de consciência histórica em Ernst Cassirer, propondo que esta possui em si a possibilidade de ampliar a consciência de si, ao organizar a consciência das formas da cultura humana numa unidade temporal, como um elo fundamental de conhecimento de si do homem como parte de uma civilização. O artigo será dividido em dois momentos, o primeiro será dedicado a uma introdução da filosofia da cultura de Cassirer, e, sua ideia da cultura como conhecimento de si. No segundo momento, será feita uma breve introdução à temporalidade

¹ Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Mestrado em Filosofia e Ensino pelo PPFEN - CEFET/RJ. Atuo como professor de Filosofia na SEEDUC/RJ. E-mail: wagnerdemoraespinheiro@gmail.com



mítica, e, posteriormente, se apresentará a ideia de tempo e consciência históricos para Cassirer. Neste último momento se argumentará que a história se propõe como uma forma simbólica elementar na compreensão da natureza humana, a partir de juízos construídos sob a égide da busca pela verdade e objetividade. Se pretenderá apontar que a história é a história do homem, e, com isso, revela sua consciência, na relação entre os símbolos com o qual este enxerga o mundo. Deste modo, é a história o elemento fundamental para expansão da consciência humana e da unidade simbólica.

O QUE É FILOSOFIA DA CULTURA?

Supondo que se encontrasse um rolo da cidade da antiga Atenas, datado do séc. V a.c. e nesse rolo há apenas o desenho de um triângulo. Que valor há nesse papel? Para Cassirer, a resposta inicial é que depende para quem. Se o apresentamos a um físico ou matemático, o desenho é a representação do conceito universal de triângulo, que pode ser medido, comparado e analisado por padrões numéricos; um artista teria uma resposta sobre técnica, traço, estilo, cores e expressão, e assim por diante.

Na obra “Ensaio sobre o Homem” (1944), Cassirer desenvolve uma antropologia filosófica. A atenção dada para ouvir outros autores é de grande volume e ocupa a maior parte do livro. Isso pois Cassirer acredita que não é possível conhecer o homem sem conhecer o produto da sua consciência. O olhar crítico sobre cultura, portanto, é o modo de nosso inquirimento socrático – o conhece a ti mesmo –, um movimento dialógico que traz a harmonia entre o mundo e o próprio homem.

A filosofia das formas simbólicas de Cassirer considera que a cultura é a consciência do homem, se desdobrando em diferentes manifestações, de forma que o todo da consciência é a relação entre as partes, e na relação dialética entre elas surgem novas manifestações do Espírito, que Cassirer expressa como as manifestações da consciência (CASSIRER, 2011 p. 235).

O mundo animal, apresentado por Cassirer através do biólogo J. V. Uexkull, está no mundo (*Umwelt*) que este o encerra (CASSIRER, 2005 p. 47). De modo que o animal está limitado àquilo que é atual e necessário à si – com uma relação direta com o mundo. O homem, no entanto, é o único animal que desenvolveu uma mediação entre os mecanismos apontados por Uexkull, como aponta Cassirer, sendo este mecanismo o símbolo.

A razão é um termo muito inadequado com o qual compreende as formas de vida cultural do homem em toda a sua riqueza e variedade. Mas todas essas formas são formas simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como *animal rationale*, deveríamos defini-lo como *animal symblicum*. Ao



fazê-lo, podemos designar sua diferença específica, e entender o novo caminho aberto para o homem – o caminho para a civilização. (CASSIRER, 2005 p. 50)

Com isso, é necessário dizer que o homem não pode ser entendido da mesma forma que o mundo físico ou compreendido por apenas uma de suas manifestações. A pergunta sobre “o que é o homem?” (CASSIRER, 2005) está na consciência humana e entender a relação entre as manifestações da cultura. Os processos do mundo físico são invariáveis e independentes do homem, são objetivos. Entretanto, são um mistério para nós, visto que vivemos num mundo de símbolos, e buscar a matéria-prima desses símbolos só nos fazer uso de mais símbolos para compreender o mundo da intuição, da natureza, entre outros.

Os processos humanos, contam com a consciência humana, que não está suplantada na problemática da razão e desrazão, e, na dialética de um juízo que, entre essas duas possibilidades humanas, constroem o mundo em sua diversidade de expressões.

A *grosso modo*, pode se dizer que a espontaneidade humana de criar o mundo – por meio dos símbolos – faz dele parte do mundo, e, com essa característica o homem enfrenta a questão de que o conhecimento do mundo será sempre o conhecimento de si. Se os símbolos são a única forma humana de enxergar o mundo, e a forma do homem criar seu próprio mundo, o movimento dialógico para com a cultura e a relação entre seus elementos é, portanto, o autoconhecimento do homem, como um espelho da cultura.

Dessa forma tal, a filosofia das formas simbólicas questiona não a origem empírica da consciência, mas o seu conteúdo puro. Em vez de se ocupar de suas causas temporais de surgimento, ela volta somente àquilo que está nela, no sentido de apreender e descrever suas formas estruturais. A língua, o mito, o conhecimento teórico, todos eles são tomados aqui como formas fundamentais do espírito objetivo cuja existência precisa ser mostrada e entendida puramente como tal, independentemente da questão de seu vir a ser (CASSIRER, 2011 p. 86)

Cassirer acrescenta que sua teoria das formas simbólicas não é um movimento de autoconhecimento por si, penas, mas por suas consequências. Ao conhecer a cultura em novas relações entre suas formas simbólicas, o homem vivencia a expansão de sua consciência por meio dos símbolos (CASSIRER, 2005 p. 390). A história e sua importância no desenvolvimento da consciência das formas simbólicas é desenvolvida no livro “The logic of Cultural Sciences – Five Essays” traduzido por S.G. Loft. Em um artigo sobre o texto, Ernst Orth comenta:

No primeiro ensaio, “O objeto das Ciências da cultura”, Cassirer mostra como o tópico da cultura apresenta-se através da história humana – alguém estaria tentado a dizer “na cultura” - como um roteiro. O homem descobre



ordens na realidade que são, essencialmente, criações suas. É a ordem da natureza que encontra o ser humano (e também o circunda objetivamente), e a “ordem no seu próprio mundo”. Ainda assim, “tudo que o homem cria, e que vem junto de suas próprias mãos” é inicialmente um “mistério” para ele e geralmente interpretado como tendo causa divina. Isso se refere à crença geral que Cassirer menciona no terceiro estudo, chamado “o objeto da natureza” (que se encontra diante dos nossos olhos)” (ORTH, Enst. 2011. p.125. Tradução nossa)

TEMPORALIDADE NA CULTURA

Se a cultura é o espelho da consciência humana, e conhecemos o homem por meio da relação gradativa entre suas manifestações, o entendimento do tempo para Cassirer está dentro do mesmo ponto, pois, para o autor, até nossas intuições requerem aos símbolos para podermos compreender o mundo. O jogo entre Espírito (*Geist*), que produção humana, e a Vida (*Leben*), que é a experiência humana. Esse jogo é a preponderação do que se chama a espontaneidade da ação humana diante da vida, por meio da imaginação e do juízo reflexionante (CASSIRER, 2011 p. 23)

Para Cassirer, as intuições de tempo se referem, e se compreendem em formas específicas: mito, religião, arte e história (CASSIRER, 2005 p.74). Em cada uma a uma temporalidade, na qual a consciência é vivida, experienciada, contada e analisada.

As temporalidades mítica e estética são patológicas (*páthos*), estando sob o domínio da vontade. A história nos apresenta outro tempo, pois, a partir do fato histórico, o historiador, em seu estudo e pesquisa, pode determinar o tempo como unidade da memória, passagem e história do homem.

O mito, para Cassirer, possui uma função e importante em relação a todas as formas simbólicas, por terem sua origem nele mesmo. É uma manifestação originária e não deve ser desprezada como uma forma irracional ou acrítica (CASSIRER 2004, p.14).

O tempo e espaço míticos mostram relevância no pensamento cassireano ao estruturar o imaginário do mito, juntamente à “divisão fundamental” (CASSIRER, 2004). O movimento repetitivo, centrípeto e centrífugo da cultura, volta sempre para o mito, do centro para fora, criando linguagem, história, ciência, tecnologia, entre outros. Portanto, é importante passar brevemente pelo conceito de temporalidade mítica antes de conceituar o tempo histórico. Segundo Cassirer:

[...] quando o homem começou a tomar consciência do problema do tempo, quando deixou de estar confinado ao círculo estreito de suas necessidades e desejos imediatos, quando começou a indagar da origem das coisas, só foi capaz de encontrar uma origem mítica, não histórica. Para poder entender o mundo – tanto o mundo físico como o social – teve de projetar



sobre este o passado mítico. No mito encontramos as primeiras tentativas de estabelecer uma ordem cronológica das coisas e eventos, fazer uma cosmologia e genealogia dos deuses e homens. Mas essa cronologia e essa genealogia não significam uma distinção histórica propriamente dita. O passado, o presente e o futuro ainda estão unidos; formam uma unidade não tem um todo indiscriminado. O tempo mítico não tem estrutura definida; é um “tempo eterno”. Do ponto de vista do mito, o passado nunca passou; está sempre aqui (CASSIRER, 2005 p. 282).

Sobre o tempo e espaço mítico, na segunda edição das formas simbólicas (1925), Cassirer contrasta sua percepção inicialmente com noções da matemática, que estão, em certa medida, descoladas dos sentidos ou sentimentos. A geometria euclidiana, por exemplo, propõe conceitos de continuidade, infinito e uniformidade (CASSIRER, 2004 p.152). Esses conceitos são anti-intuitivos. Para nossos sentidos estamos em lugares limitados, que não pontos que unem as formas do espaço ou conectam uma linha do tempo. Tudo se torna parte de um fenômeno guiado por uma força sobrenatural e uma “solidariedade da vida”, que nos responde ao que animamos e criamos a partir de divisões fundamentais e imagens que definem o mundo e nos conectam com ele de forma mágica. O mundo dos vivos e dos mortos, o sagrado e o profano, assim por diante (CASSIRER, 2005 p.128). Embora, haja ao longo da história das religiões, discórdias sobre questões fundamentais acerca de doutrina, a religião permanece “*una est religio in rito veritae*” (CASSIRER, 2005, p.123).

O princípio mais latente, que divide o pensamento e sentimento mítico, que chega Cassirer, no mito é o “mana-tabu”, as forças opostas presentes na origem do pensamento mítico arcaico (CASSIRER, 2004 p.144). Dirigidos por essas forças são marcadas as estações, o aqui, lá, o mundo dos mortos para lá, dos vivos para cá, deuses que vivem em chuvas, sol, contam as estações, e assim por diante.

Desde o mito, se vê a unidade da consciência. A arte é considerada uma forma importante para comunicar essas expressões em relação com a expressão mítica. A importância nessas expressões, que formar uma lógica interna, não necessária para o mundo exterior – a expressão *crea quid absurdum* mostra como o pensamento “mítico-religioso” não possui compromisso necessário com a lógica formal, mas com a fidelidade às forças que regem sua experiência humana (CASSIRER, 2005 p. 27; idem p.122), mas é designar no imaginário coletivo a expressão do grupo que participa do sentimento mítico, como afirma o próprio Cassirer: “O que é característico da mentalidade primitiva não é sua lógica, mas seu sentimento geral da vida” (CASSIRER, 2005 p.137).

O TEMPO E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA



A resposta do historiador, também seria dada nos símbolos que apresentam as causas do tempo em relação às outras formas da cultura. A história tem o dever de explicar e dar organicidade à cultura, preservando o passado, presente e futuro através da memória do homem sobre si.

Se empregada de maneira correta, ela (a consciência histórica) nos proporciona uma visão mais livre do presente e reforça nossa responsabilidade para com o futuro. O homem não pode moldar a forma do futuro sem ter consciência de suas condições presentes e das limitações do seu passado ... Até mesmo a nossa consciência histórica é uma “unidade entre os opostos”; ela liga os polos opostos do tempo permitindo-nos assim sentir a continuidade da cultura humana. (CASSIRER, 2005 p.283)

Assim, há para Cassirer uma definição inicial de consciência histórica que está associada à dialética própria dos eventos históricos, que ainda precisam ser identificados; da relação temporal entre eles e de uma “unidade da cultura”. As questões que surgem a partir daí estão relacionadas com a ideia de que a consciência histórica tem a objetividade como alvo, uma verdade pessoal como ponto de partida, e está relacionada com um mundo universal – o mundo da cultura.

Para Cassirer, a história é uma ciência, que tem como objeto de estudo o fato histórico. Entretanto, nas manifestações tais como no mito e religiões primitivas, há uma proto-história, e na narrativa se marca o tempo simbólico, um tempo mítico, que se compreende na eternidade (CASSIRER, 2005).

Como afirma na sua terceira edição das formas simbólicas (CASSIRER, 2011 p.12), que uma sensação pode existir ou não, mas não pode ser falsa ou verdadeira. Assim, a temporalidade histórica o sentido específico de ser por meio do fato, e não da emoção em relação à vida. Com isso, o valor de um fato histórico separa-se ainda mais dos sentidos.

O tempo histórico não se encontra no que existe ou não – como uma evidência geológica, por exemplo, mas na interpretação semântica. No mito, da comunidade insurge o sentido do tempo para homens e deuses de forma subjetiva e por meio de uma proposição emocional. Em contrapartida, o historiador precisa interpretar os fatos dados a ele de acordo com uma complexidade de técnica e busca pela objetividade em seu discurso (CASSIRER, 2005 p.316). Não se pode apenas buscar um fato histórico que existiu ou não. Ele é verdadeiro ou é falso. Ademais, apenas conjuntamente da do juízo sobre se é verdadeiro vem o de possuir relevância histórica, digno de ser lembrado. Com isso, o historiador se valerá por buscar a objetividade de um fato histórico que seja verdadeiro e memorável para apresentar o homem através de sua cultura.

A questão que se coloca por Cassirer é como o historiador pode selecionar um fato histórico, e, assim, emitir um juízo sobre o que é memorável. O ponto de partida é que a compreensão do tempo seja correspondente desde o memorável, estando numa relação



pelo historiador em suas pesquisas. É com isso que Cassirer conclui que o historiador, por estar no mundo simbólico, não está numa análise do mundo físico, mas na semântica da relação entre os símbolos, ciência, mito, arte. O que Cassirer chama da “vida interior”, ou a alma do homem (CASSIRER, 2005 p.328). Esse homem que se revela numa busca do historiador por revelar a consciência histórica na objetividade de um tempo semântico:

Se formos buscar um título geral sob o qual incluir o conhecimento histórico, podemos descrevê-lo não como um ramo da física, mas da semântica. As regras da semântica, e não as leis da natureza, são os princípios gerais do pensamento histórico. A história está situada no campo da hermenêutica, não no da ciência natural. ... E para essa reconstrução o historiador precisa dominar uma técnica especial e muito complicada; deve aprender a ler os documentos e a entender os monumentos para poder ter acesso a um único e simples fato. Na história, a interpretação dos símbolos tem precedência a coleta de fatos, e sem essa interpretação não há como alcançar a verdade histórica. (CASSIRER, 2005 p.317)

A história possui um papel único na temporalidade da cultura. Estabelecer a unidade e organicidade da cultura, por meio de uma rigorosa seleção entre o que deve ser lembrado, esquecido, o homem e mulher individual e o médio. Para Cassirer a importância desses elementos é para dar um senso de permanência e estabelecer a unidade da consciência num fragmento de memórias e vivências subjetivas. O exemplo dado pelo autor é de uma civilização sem história ou arte como “espelho quebrado” (CASSIRER, 2005 p.389) que não teria como enxergar a unidade de quem é, de quem somos.

Aquilo que chamamos de consciência histórica é um produto bastante recente da civilização humana, que não é encontrado antes dos grandes historiadores gregos. E nem mesmo os pensadores gregos eram ainda capazes de propor uma análise específica do pensamento histórico ... quando o homem começa a desafiar a complexa teia da imaginação mítica começa a formar um novo conceito de verdade. (CASSIRER, 2005 p.282)

A distinção entre o tempo histórico, então surge com a noção de verdade e a tríade passado, presente e futuro, herança pré-socrática. A consciência histórica surge nesse momento, mas a história, como consciência demora até os séculos XVII para amadurecer.

Há duas linhas principais confrontadas por Cassirer em seu estudo sobre história, no “Ensaio sobre o homem – uma introdução a uma filosofia da cultura humana” (1944). A primeira é dos naturalistas. Historiadores que representam o fato histórico como uma adequação entre a coisa e o intelecto. A segunda, os historiadores da linha construtiva, que entendem que um historiador constrói a si mesmo e à interpretação dos fatos dados a ele. Como Cassirer aponta para diferentes predominâncias em autores e períodos que variam em métodos e estilos. Entretanto, sua ideia de uma história que irá dialogar com a consciência da cultura como símbolo está mais atrelada à uma noção construtiva, pois o homem, como o historiador, também constrói a seus juízos por meio dos símbolos, embora



possa se usar dos instrumentos da ciência da natureza.

A consciência histórica, para Cassirer segue na linha de uma conciliação entre imparcialidade e participação pessoal, compreensão das perguntas e demandas do presente e reconstrução de um mundo que já não existe. O filósofo alemão crê que a construção da consciência histórica funciona como se o historiador julga a partir de suas experiências e formação pessoais, com uma formação particular do mundo, se colocando diante de um objeto universal, a história da cultura humana. Assim, a hermenêutica do fato histórico não pode apenas às paixões do indivíduo, tampouco excluí-las, mas serviria para a libertação de um mito do herói, não utilizando-se de uma psicologia pessoal, mas social (CASSIRER, 3005 p. 327). Uma análise da transformação cíclica causal do encadeamento dos fatos, julgados pelo historiador, propõem a relação entre as eras e, assim, constroem a face do homem

É necessário, por um momento, comparar a causalidade dos fatos históricos com os analisados com outras ciências e, em contraste, apontar a arte em seu forte teor artístico. A objetividade na expressão das ciências da natureza não está tão só na busca pela objetividade em sua manifestação, mas que começa a expressar um distanciamento do olhar do indivíduo no próprio objeto de estudo – principalmente – e forma, como se houvesse uma terceira pessoa a estudar. Lê-se uma amostra de teste, mas no caso do historiador, ao escrever sobre os fatos insere-se a poesia, a paixão e suas experiências enriquecedoras. E aqueles que as tenta ofuscar, nem por isso, afirma Cassirer, encontrará uma posição mais objetiva, mas perderá, tão só, em seu teor artístico. É o que se firma de autor para autor, ou de época para época. Historiadores mais dedicados à poesia, outros mais à empiria (CASSIRER, 2005 p. 332).

A causalidade e leis universais na física, os materiais testados em um laboratório de química, ou as regras de dedução da lógica mostram a busca do domínio do homem sobre a natureza através de uma simbólica universal e uma técnica que pode simular o tempo através de repetições laboratoriais. Ora, um cientista pode repetir exaustivamente o mesmo experimento para simular uma realidade existente na natureza, e testar suas hipóteses, mas isso não se dá na história. Os fatos históricos pertencem a um passado que não pode retornar.

“O historiador, como o físico, vive em um mundo material. No entanto, o que ele encontra logo no início de sua investigação não é um mundo de objetos físicos, mas um universo simbólico – um mundo de símbolos. Antes de mais nada, ele precisa aprender a ler esses símbolos. Qualquer fato histórico, por mais simples que possa parecer, só pode ser determinado e entendido por uma tal análise prévia dos símbolos”. (CASSIRER, 2005 p.285)

Assim, o uso da ciência, arte e de tecnologias também devem fazer parte da



hermenêutica dos fatos históricos, mas não são em si, o que trazem, carregam o valor de verdade, mas sim o juízo final do historiador. Sendo que esse fato histórico ainda estará sempre sujeito a revisão.

Ao final do capítulo, Cassirer conclui que a história e arte são “*os mais poderosos instrumentos na nossa indagação sobre a natureza humana ... Não podemos duvidar que sem a história perderíamos um elo fundamental desse organismo (a civilização)*” (CASSIRER, 2005 p.334). A história, portanto, é um elo fundamental para a gradativa unidade e expansão da consciência, por meio do conhecimento de si nas verdades memoráveis da cultura humana.

CONCLUSÃO

O artigo apresentou a temporalidade e consciência histórica como um aspecto das manifestações do espírito presentes na filosofia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. Demonstrou-se que essa filosofia estabelece por meio dos símbolos, que são construções de imagens (*bildes*), as formas (*eidos*), que estabelecem a visão de mundo do homem. Como mostrou-se, a visão cresce em unidade, de acordo como novas formas surgem, a partir de uma relação orgânica com o todo, a partir do mito, a origem da cultura. Ao apresentar a história como uma consciência e temporalidade, se pretendeu mostrar sua relação específica com a diversidade de manifestações da consciência. Como mostrou-se a temporalidade mítica, o pensamento mítico não faz distinção clara entre passado, presente e futuro, mas tenta estabelecer cronologias e cosmogonias e estações para reger o mundo de homens e deuses compartilham. A consciência histórica, em contrapartida, estabelece a gradativa busca por uma resposta pela unidade da consciência da cultura. É uma busca da objetividade crítica dos fatos históricos, que não são físicos, mas simbólicos. Que, concluiu-se, o historiador, através de um juízo de verdade pessoal, estabelecido sobre relações entre as diferentes manifestações do espírito, pode ser capaz de chegar às verdades memoráveis e construir a linha temporal de forma poética. A objetividade da manifestação histórica estaria na universalidade gradativa do juízo, e, este no gradativo acordar da consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.



_____. **Filosofia das formas simbólicas: Mito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. **Filosofia das formas simbólicas: Fenomenologia do conhecimento.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

HAMBURG, Carl H. **Symbol and Reality. Studies in the philosophy of Ernst Cassirer.** Haia: Martinus Nijhof, 1956.

ORTH, Ernst. **Ernst Cassirer as cultural scientist.** In: Springer. v. 179. n. 1. 2011, Março, pp. 115-134.